

OFICINAS DE LEITURA: aprendendo a gostar de ler^{*}

Carmem Lúcia Bandeira^{*}
Ester Calland de Sousa Rosa^{**}
Maria Bernadete Melo^{***}

RESUMO: Proposta de formação de educadores populares visando estimular o interesse pela leitura. Parte-se do pressuposto da necessidade de democratizar o livro como fonte de informação por excelência. Do ponto de vista metodológico consideram-se as dimensões do prazer e do lúdico, que podem ser propiciados pelo ato da leitura. Busca-se desenvolver o hábito da leitura, de modo a ser incorporado naturalmente ao cotidiano, como o andar, o falar, o respirar. Busca-se também estimular outras formas de expressão a partir da leitura, desenvolver o senso estético e o exercício da crítica.

APRESENTAÇÃO

A crise educacional do país não é um fato recente. Reflete o esgotamento do modelo de desenvolvimento importador de tecnologias que orienta a política educacional na direção da formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, de forma alienada e incipiente. Ilustram esta situação de crise, estatísticas do MEC¹ que em 1988 apontam a existência de:

- 17,8% da população de 7 a 14 anos fora da escola;
- cerca de 83% dos jovens entre 15 e 18 anos não frequentando o 2º grau;
- 3 em cada 4 crianças defasadas em relação à série escolar;
- taxa média de evasão escolar da última década de 32%;
- 54% da população de 0 a 4 anos pertencendo a famílias cuja renda mensal é inferior a meio salário mínimo por pessoa.

Dados da UNESCO de 1984², revelaram que há uma correlação de 6 livros em

^{*} Trabalho apresentado na 15ª Reunião Anual da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação/Anped, em 15/09/1992.

^{**} Centro Luiz Freire - Grupo Alternativas Educacionais (Gral)

^{***} UFPE - Centro de Educação - Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais.

^{****} UFRPE - Departamento de Letras e Ciências Humanas.

¹ Pesquisa Data-Folha, MEC - 1988. - Folha de São Paulo, 11/09/91, Caderno 1, F1. 8.

² Folha de São Paulo, 01/09/91, Caderno 1, F1. 14.

bibliotecas de ensino superior, por cada estudante universitário. Para cada 10 mil habitantes, em 1988, verificou-se a correspondência de 1 título publicado. Neste mesmo ano, havia uma tiragem de 55 jornais diários por 1.000 habitantes. Ainda como indicador de acesso aos bens culturais, destaca-se o fato de que em 1985, em cada 1.000 habitantes, 0,7% freqüentavam cinema.

Com este quadro, não é estranho ouvir-se dizer que o brasileiro, de modo geral, não cultiva o hábito da leitura. Isto se torna particularmente verdadeiro quando se aplica à realidade das camadas populares, maiores vítimas da exclusão em relação ao usufruto do bem-estar social. A grande dificuldade do acesso aos bens e serviços de direito público estende-se também à escola, de modo que falar de cultivo ao hábito da leitura soa até como absurdo, uma vez que para a grande maioria dessas pessoas, nem sequer foi resolvida a questão elementar da escolaridade básica. Combater o analfabetismo em sua forma mais primária permanece como questão de prioridade para as políticas públicas de Educação no Brasil. E esta tarefa poderá ser desenvolvida com maior eficácia, se aliada às iniciativas de organização que expressem as necessidades concretas dos próprios setores da população atingida.

Além disto, observam-se, iniciativas do Movimento Popular na luta pela conquista/construção da cidadania, destacando-se os esforços na área educacional. Entende-se, aqui, movimento popular como "processos abertos, sujeitos a contradições internas e pautados por uma composição heterogênea que potencializa a emergência de diferentes formas de ação coletiva e de interação e/ou negação em face do Estado" (Jacobi, 1989:16). Tomando-se por exemplo o caso de Olinda e Recife, tem-se uma articulação já avançada entre o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Movimento de Escolas Comunitárias representado pela Associação Estadual das Escolas Comunitárias (AEEC), Rede de Alfabetização de Casa Amarela, Coletivo de Alfabetização de Jovens e Adultos, e movimentos de cultura e educação em diversos bairros, entre outros, que se numa perspectiva expressam a combatividade e a resistência da população, não deixam porém de desvelar e/ou apontar para as dificuldades concretas em se construir uma escola de qualidade fora do âmbito estatal, uma vez que os mesmos expressam as precariedades na formação de professores e na instalação e manutenção dos equipamentos escolares, entre outras dificuldades.

Fica patente, por um lado, o avanço dos movimentos sociais que passam a esboçar e por em prática soluções para questões que envolvem seu cotidiano e, por outro, o Estado brasileiro "funcionando como propulsor dos movimentos sociais, principalmente em decorrência da sua inoperância ou omissão na área de fornecimento de serviços coletivos" (Jacobi, 1989, p. 17)

Reconhece-se que a luta no combate ao analfabetismo, ou seja, pela escola pública gratuita e de qualidade para toda a população, precisa superar práticas de alfabetização que se restrinjam à veiculação da leitura/escrita, corporificadas no ato mecânico de "desenhar o nome", "tirar do quadro", entre outras. Neste sentido, a utilização da literatura no processo de alfabetização e de capacitação de professores, pode contribuir para esta superação uma vez que possibilita o desenvolvimento do senso estético, a ampliação do universo cultural e o domínio da língua escrita.

Partindo-se destas considerações, está sendo desenvolvida pesquisa que toma como eixo a relação Alfabetização-Literatura-Formação de Educadores. Entende-se que cumpre à Universidade inserir-se no contexto de luta pela escola pública, como um dentre os diversos agentes sociais, articulando-se com o ensino fundamental, inclusive através de seus programas de ensino, pesquisa e extensão.

Com este espírito, surgiu a iniciativa de pesquisadores do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais da UFPE e do Departamento de Letras e Ciências Humanas da UFRPE, em conjunto com a equipe Alternativas Educacionais do Centro Luiz Freire, e em convênio com a UNICEF de estruturar oficinas de leitura para professores de primeiro grau, vinculadas às iniciativas educacionais do movimento popular, visando intervir na formação de educadores.

JUSTIFICATIVA

A formação de professores para o processo de alfabetização de crianças e adultos, está estreitamente relacionada às propostas de revitalização das escolas normais e de redirecionamento dos cursos de Pedagogia, bem como às experiências de capacitação de professores em serviço, tanto nas redes estatais quanto no seio do movimento popular de luta pelo acesso à escola.

Em particular na última década, têm-se acirrado o debate quanto à necessidade do professor conhecer os processos cognitivos subjacentes ao processo de aprendizagem da leitura-escrita, não habilitando-o apenas no domínio de técnicas de treinamento de funções perceptivo-motoras que levem à prontidão para a alfabetização. Neste sentido, muitos trabalhos tem sido publicados³ na tentativa de demonstrar que a leitura-escrita é um processo eminentemente dirigido à finalidade de buscar sentido, já que abre possibilidades enquanto: suporte da memória, instrumento de comunicação com pessoas ausentes (espaço ou temporalmente) e veículo de expressão da subjetividade.

Esta linha de argumentação centra-se nos estudos do processo de construção mental do sistema de língua escrita (ou melhor de reconstrução a nível intrapsíquico do processo historicamente elaborado pela humanidade) e pretende dar suporte à prática pedagógica, partindo do suposto de que o que falta ao professor é o conhecimento acerca de como se dá, na ontogênese do aprendiz, a compreensão da estrutura lingüística e o sistema de representações escritas. Esta postura pretende se contrapor à concepção de que o professor seja um mero treinador de habilidades, devendo assumir uma postura "clínica", de constante observação do desenvolvimento conceptual de seus alunos.

Por outro lado, vários autores, entre eles destacando-se Celestin Freinet, tem argumentado, a partir da experiência com a alfabetização de crianças, que a

3 Destacam-se os trabalhos de Emília Ferreira, no México, Ana Teberosky, na Espanha, e Terezinha Nunes e Lúcia Brown Rego, em Pernambuco.

eficiência e rapidez deste processo deve-se à naturalidade com que ele ocorre, à semelhança de outras aprendizagens sociais tais como, o falar, o andar ereto, etc. Assim, aprende-se a ler lendo e convivendo com situações de leitura, anteriores mesmo ao esforço escolar com a alfabetização, daí cabendo ao professor o papel de fomentador de experiências naturais de leitura dentro e fora da sala de aula.

Em ambas as posturas, destaca-se o papel do professor como agente no processo de alfabetização e não como mero instrumento de repasse de técnicas. Apesar disto, nota-se que a formação de professores, tanto nos cursos regulares quanto nos processos de capacitação em serviço, têm focado a compreensão necessária acerca do aprendiz (criança ou adulto) e suas funções psíquicas, não pondo em relevo a interação social professor-aluno, na qual entram em jogo não apenas os conhecimentos disponíveis ao professor sobre o como seu aluno aprende, ou seja, aspectos cognoscitivos, mas atitudes, valores, sentimentos frente ao seu objeto de trabalho, qual seja, o processo de ensino-aprendizagem.

Confrontando-se com este debate, ressalta-se o problema da formação do educador popular, cujo perfil, de modo geral, revela personalidades dotadas de espírito de combatividade, compromisso com as lutas, militância política. Por outro enfoque, porém, revela uma grande defasagem de experiência no trato com o conhecimento sistematizado.

Considerando como dado de realidade o perfil do educador popular, ressaltando-se suas qualidades de liderança e observando-se os seus esforços também como expressão de luta pela própria conquista do saber sistematizado e no outro extremo a sua situação concreta de "desescolarização", nas Oficinas de Leitura, se propicia a vivência de um processo de formação que privilegia a sensibilização para a leitura.

Partiu-se do princípio onde a formação é entendida como aquisição de um instrumental que possibilite a absorção crítica da informação, desenvolvendo simultaneamente a criatividade e a capacidade de pensar. Neste sentido, um trabalho de sensibilização para a leitura pode desempenhar papel de fundamental importância no programa de formação de educadores populares. Principalmente se prioriza o livro enquanto veiculador de idéias e informações e enquanto precioso acervo do patrimônio cultural, que necessita ser democratizado ao máximo.

O livro sintetiza possibilidades de aquisição de muitas informações e ampliação de novos universos do conhecimento.

Se aprender a ler e escrever coloca-se como necessidade concreta do educador popular no Brasil (jovens e adultos das camadas populares, desescolarizados pelo processo de exclusão e em processo de luta pela conquista da escolarização coletiva na sua comunidade), que se propicie a este educador oportunidades de sensibilização e exercícios de leitura e escrita. Que se criem as condições para que leiam, de preferência de forma lúdica e interessante, que lhes possam despertar o lado prazeroso da leitura ou os aspectos gratificantes do trato com o conhecimento sistematizado.

Ler é bom, é o que parecem afirmar educadoras de Chão de Estrelas, no

"Cantinho da Leitura" - uma experiência de "oficina de leitura" de um grupo popular de Educação:

"Nossos encontros sempre começam com a leitura livre, isto é, as crianças chegam e pegam os livros que querem ler, às vezes em grupo ou sozinhas. Têm para isso meia hora. Depois, conversa informal, todos bem à vontade. Formamos círculos para que todos possam participar, sempre sentados no chão. Chega a hora da leitura do dia: "O MENINO MALUQUINHO", de Ziraldo. Todos já conhecem o livro pois o mesmo já foi lido várias vezes e depois, passo o livro para o grupo. Recolho e peço que coloquem no papel o que entenderam, começa assim a interpretação. ...

... Sempre que terminamos a interpretação da estória do dia, seja no papel, ou dançando, dramatizando, voltamos à nossa conversa e discutimos sobre o assunto do dia, ou seja, pergunto o que entenderam da estória, o que aconteceu no nosso encontro.

Como o nosso tempo passa rápido, sempre tem brincadeiras, no início ou no final do encontro. Hoje foi um versão de ciranda-cirandinha, adaptada para o Menino Maluquinho. A brincadeira estimula a coordenação, audição e principalmente a atenção, pois quem erra sai da brincadeira. Nosso horário termina, porém os meninos sempre querem mais e temos que explicar que tudo tem seu tempo".⁴

Porsua vez, o pedagogo soviético Anton Makarenko responsável pela educação dos jovens delinquentes, órfãos de guerra, enviados para a colônia Gorki para serem "recuperados" logo após a revolução da União Soviética (1917), cansado de procurar uma forma de aproximação dos educandos, relata em seu "Poema Pedagógico" que quando já estava prestes a "entregar os pontos" achando que nada mais poderia ser feito por aqueles jovens, tal o nível de degradação atingido, intuitivamente, resolve experimentar sessões de leitura à noite, no próprio quarto de dormir, selecionando alguns romances de Máximo Gorki. Qual não foi a sua surpresa ao descobrir que, quase como um milagre, a leitura conseguiu prender a atenção da garotada, transformando-se num hábito, provocando um clima de convivência e debate, ajudando a despertar o sentido de coletividade. A leitura tornou-se mais prazerosa ainda quando descobriram que o escritor, autor daquelas páginas fabulosas, teria sido em sua infância e adolescência marcado pela mesma fatalidade da qual eram vítimas. Gorki identificava-se com eles por ter história de vida semelhante, por ter tido também um passado de delinquência:

"No inverno de 1921 (novembro-dezembro), a paixão pela leitura tomou conta dos ex-vagabundos. Não era raro observar durante as frias noites ucranianas que os dormitórios ficavam iluminados pelos lampiões até altas horas das noites: eram as rodas de leitura coletiva. Os rapazes tinham um prazer especial em ouvir os relatos auto-biográficos de Máximo Gorki: Minha Infância (1913)

4 Transcrito de Relatório de trabalho de Fabiana, educadora popular e uma das responsáveis pela experiência do Cantinho da Leitura. Text of Footnote

e Pelo Mundo (1918) os quais os educandos não acreditavam que fossem verdadeiros".

Ao descobrirem através de Makarenko que Gorki havia sido um "bezprizorne" exatamente igual a eles, manifestaram-se com alegria:

- "Então Gorki é um dos nossos camaradas, é uma pessoa que sofreu como todos nós? Isso é formidável!"

Com essa revelação, os educandos passaram a se autodenominar "gorkianos", fato que determinou, psicologicamente, o futuro comportamento de toda a colônia. (Capriles, 1989, p. 87)

As várias possibilidades da utilização da literatura, no resgate da identidade cultural e da história de um povo, encontram também exemplo na realidade brasileira, seja nos romances de Josué Montelho, como "Os Tambores de São Luís" e "A Noite sobre Alcântara", ainda em Graciliano Ramos, com seus romances "Vidas Secas" e "São Bernardo", ou mesmo José Lins do Rego, com "Fogo Morto" e "Menino de Engenho" ou João Ubaldo Ribeiro, com "Viva o Povo Brasileiro".

O reconhecimento do papel da literatura, como elemento facilitador do processo de alfabetização, bem como de possibilidade de resgate da identidade de um povo e de ampliação do universo cultural, parece não ter sido ainda incorporado pela escola pública. Isso traduz-se na "flagrante precariedade das denominadas bibliotecas escolares que, na verdade, raramente passam de meros depósitos de enciclopédias, de coleções de livros didáticos e de literatura infanto juvenil, muito pouco consultados e menos ainda prazerosamente desfrutados" (Plano Estadual de Educação de Pernambuco, 1988-91, p. 67).

O PROBLEMA

Uma queixa frequente entre professores, inclusive de terceiro grau, é que seus alunos são incapazes de ler, no sentido de buscar significado nos textos didáticos, e atribuem esta carência à falta de hábito de leitura.

Este dado remete para uma indagação acerca da possibilidade de identificação da gênese desta questão. Parte-se do pressuposto de que, se o professor das séries iniciais do 1º grau mostra-se capaz de propiciar situações favoráveis de leitura, sendo ele próprio caracterizado como bom leitor, possivelmente deverá obter êxito na tarefa de desenvolver nos alunos o hábito da leitura.

Neste sentido, ao se deparar com o quadro de incapacidade generalizada dos alunos em relação à leitura, pergunta-se se, além das condições objetivas para o exercício eficiente da função docente, o próprio professor sabe ler, além da decifração de signos? E se não sabe, será que pode ensinar independente de sua experiência pessoal?

Supõe-se que o bom leitor se forma já na infância, e que a literatura infantil, pela sua própria natureza, instigante e não-doutrinária, remetendo ao imaginário

infantil dado o seu caráter lúdico, permite uma apreensão não apenas racional mas criativa do texto, já que o universo simbólico da língua escrita, tanto nos seus aspectos sintáticos quanto semânticos, podem ser apropriados pelo leitor, podendo ainda fomentar a reflexão sobre os conflitos sociais e psicológicos da humanidade.

De outro lado, temos a escola, pública ou comunitária, um espaço de contradições e mesmo que concorra para sedimentar a hegemonia das classes dominantes, abre espaços para a socialização da cultura, fundamental na preparação intelectual dos trabalhadores, na medida em que permite a formação da consciência crítica.

Do exposto acima, parte-se para algumas suposições:

a) Ler e escrever fora do contexto compartimentalizado como vem sendo tratado na escola podem redimensionar concepções e resgatar elementos da identidade cultural do professor, uma vez que a expressão literária proporciona uma visão mais complexa da realidade, e em geral antecipa e sintetiza problemáticas que o conjunto da sociedade ainda não elaborou sobre sua própria realidade. Assim, o texto literário, indo além dos textos fragmentados do livro didático e extrapolando as narrativas simplificadoras da historiografia oficial, pode contribuir para que emergam discussões relativas à história, geografia, ciências, matemáticas, artes, gramática, enfim, pode contribuir para que se redimensionem os próprios conteúdos escolares.

b) Se o educador puder ser envolvido numa experiência de leitura partindo da literatura infantil e que desague na produção de textos, como fator de ampliação de seu universo cultural, sua postura frente à alfabetização poderá ser alterada, tendo como consequência um repensar de sua prática pedagógica.

Na opinião de Yunes e Pondé (1988, p. 32) já existe uma literatura brasileira sem os resquícios de xenofobia que tem sido publicada e que já começa a chegar à escola, com a qual é possível "seduzir" o leitor à partir desta produção literária considerando que "a leitura literária possa contribuir para a emancipação do sujeito, libertando-o do processo de massificação a que se vê submetido pela informação dirigida que encobre as contradições e não faz apelo crítico".

Partindo destas inquietações é que se propôs um processo de formação de professores/alfabetizadores que tenha por finalidade intervir na prática pedagógica não apenas demonstrando ao professor como é o processo de alfabetização mas fazendo dele sujeito deste mesmo processo, numa perspectiva de acesso, através do livro, ao atermo cultural.

PROCEDIMENTO

Os participantes das oficinas foram educadores populares encaminhados pelos grupos organizados de educação e engajados em práticas de escolarização de crianças e adolescentes.

As oficinas foram distribuídas, em sua primeira etapa, em 26 sessões de leitura com três encontros semanais de três horas cada, com duração de dois meses. Cada

sessão foi composta de uma ou duas das três atividades básicas:

1. Leitura coletiva, interpretação e recuperação oral de textos ou de livros para crianças, poemas, contos, ensaios e romances da literatura nacional;

2. "Tradução" do texto escrito para outras formas de expressão tais como: expressão corporal, teatro do texto, modelagem com barro, colagem, pintura, desenho, música, dança;

3. Produção de textos (oficina): individual e/ou coletiva, principalmente de textos para crianças.

Neste fase, as oficinas foram estruturadas a partir de quatro temas de acordo com os objetivos gerais estabelecidos e que visam contribuir para:

- a formação de educador envolvido no processo de alfabetização de crianças e jovens;
- o resgate da identidade cultural do educador;
- a ampliação do universo cultural do educador.

1. A criança: de acordo com este tema, foram escolhidos textos avulsos e livros infantis para serem lidos inicialmente e em seguida procedeu-se a uma discussão a respeito das diferentes concepções de criança; de como ela é tratada nos diferentes contextos culturais; as distâncias e aproximação entre direitos assegurados legalmente e as reais condições de vida, principalmente das crianças diretamente atingidas pelo efeito da exclusão em relação aos direitos de cidadania.

2. O índio: com esta temática, o Projeto Oficinas de Leitura visou proceder a uma breve incursão dos alunos e da equipe de formação ao universo de algumas culturas indígenas resistentes no Brasil, para ampliar o grau de informações e provocar discussão em torno das nossas raízes/identidades culturais. Elegeu-se, prioritariamente, livros da série "Morená", literatura proposta para crianças, visando estimular a princípio, aspectos relacionados à fantasia, à imaginação livre, ao lúdico e prazeroso na literatura. Além disso, foram incorporados outros textos sobre as questões indígenas atuais, exibição do vídeo Xingu, dinâmica de expressão e criatividade em relação ao tema.

3. O negro: esta temática, na mesma perspectiva do índio, visou resgatar, através da literatura, a influência africana na formação cultural brasileira. Iniciou-se com a leitura do poema Sou Negro, de autoria de Solano Trindade, explorando-se em seguida a série "Bichos da África", comparando-se aos elementos da cultura indígena, retomando-se inclusive a própria dinâmica trabalhada no último tema. Realizou-se ainda oficinas com argila, música, encerrando-se o tema com a participação de Inaldete Pinheiro de Andrade, numa das sessões de leitura dos livros de sua autoria "Pai Adão era Negro" e "Cinco Cantigas para Você Contar".

4. Ampliando o universo cultural através da leitura: neste momento optou-se por trabalhar textos diversos de literatura para crianças e adolescentes, contemplando-se autores como Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Ziraldo, Cecília Meirelles,

Walmir Ayala entre outros. Buscou-se divulgar autores nacionais bem como as diversas formas de expressão literária a exemplo de contos, poesias, crônicas entre outros, ampliando-se desta forma, o universo das discussões e estimulando-se a gradativa apropriação da língua materna através do contato com o texto escrito. Nesta etapa tivemos preocupação com a seleção dos textos, ricos em imagens poéticas, capazes de influenciar e desenvolver a sensibilidade e a noção de estética. Verificou-se, ainda, um envolvimento cada vez mais crescente do grupo em relação à leitura.

Foi traçado um perfil inicial dos sujeitos a partir de indicadores, tais como: escolaridade, contato anterior com literatura, como desenvolve sua prática de alfabetização, integração com o grupo, envolvimento com os textos, capacidade de compreensão/interpretação oral, criatividade, empenho/qualidade das produções do ponto de vista da originalidade do senso estético, da sensibilidade.

Numa segunda etapa da pesquisa estamos acompanhando a implantação de algumas salas de leitura nas escolas de origem dos professores que participaram como sujeitos da pesquisa, e, principalmente, mantendo encontros quinzenais com os egressos da primeira fase das oficinas, inclusive no sentido de promover permutas do acervo de livros, bem como observar os desdobramentos da sensibilização para a leitura na prática pedagógica do educador.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, algumas reflexões já podem ser observadas quanto aos pressupostos e aos objetivos estabelecidos.

Inicialmente, quanto ao aspecto da democratização do acesso ao livro, à medida em que os participantes da oficina puderam ter contato regular com livros foi possível identificar neles algumas mudanças na forma como reagiram à proposta de ler, recuperar oralmente as idéias centrais e interpretar.

Os textos selecionados na primeira etapa das oficinas além de guardarem estreita relação com as ilustrações correspondentes, se caracterizavam pelo estilo poético, estimulando a fantasia e o senso estético. Assim, na prática das oficinas a leitura era seguida, quase que automaticamente, pela produção de murais coletivos, de desenhos, de modelagens em barro, que eram vivenciados pelo grupo de forma prazerosa, facilitando a integração grupal e propiciando a descoberta de potenciais desconhecidos.

Ler livros para crianças, ilustrar com desenhos e pinturas passaram a ser hábitos naturalmente incorporados à rotina das oficinas e à prática pedagógica dos educadores envolvidos no projeto. O mesmo não ocorreu com a linguagem escrita. O planejamento das atividades e o processo de produção de relatórios estão sendo alvo

de resistências por grande parte do grupo. Isto parece estar associado ao nível de escolarização e consequente domínio sobre a expressão escrita. Por outro lado, verificamos que esta resistência foi menos intensa quando propusemos atividades do tipo "solte sua imaginação" sugerindo a criação de estórias ou o registro escrito de acontecimentos passados, onde os aspectos lúdicos e prazerosos da escrita podiam ser exercitados. Se partimos de um pressuposto comum de que o hábito da leitura, bem como da escrita, se formam a partir de experiência agradáveis, talvez devêssemos dedicar um maior tempo a situações de leitura e escrita onde este aspecto seja contemplado.

O método de formação de educadores aqui desenvolvido tem se pautado pelo fortalecimento da solidariedade grupal como elemento essencial na superação de dificuldades no processo de aprendizagem, por propiciar a descoberta da identidade de grupo quanto aos problemas comuns bem como à necessidade de ação coletiva para a superação de tais problemas.

A crítica à ineficiência do método de alfabetização utilizado na escola, à ausência do livro e à falta de condições propícias para a leitura, tem emergido como reflexões do grupo a partir da constatação de suas dificuldades e do confronto destas com as experiências positivas vivenciadas nas oficinas de leitura.

Em oposição aos métodos de capacitação que tem prioritariamente orientado o processo de formação de professores, temos identificado que as mudanças na prática pedagógica destes educadores decorrem da descoberta da leitura enquanto oportunidade de crescimento pessoal, fruto de um movimento interno.

RELAÇÃO DOS TEXTOS/LIVROS TRABALHADOS NAS OFICINAS DE LEITURA

1. Tema "A CRIANÇA"

BRASIL, Ministério de Ação Social. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.

MARIANO, Regina (Org.). "Chapeuzinho Vermelho", in Histórias da Carochinha. São Paulo: Atica, 1987.

MASUR, Jandira. O Frio Pode Ser Quente? São Paulo, Editora Atica, 1990.

Mariano, Regina (Org.). "O Pequeno Polegar", in Histórias da Carochinha. São Paulo: Atica, 1987.

PINTO, Ziraldo A. O Menino Maluquinho. São Paulo, Melhoramentos, 1991.

VELOSO, Reginaldo. Bote na Sua Cabeça Que Criança é Gente!. Recife, Mimeo, 1991.

2. Tema "O ÍNDIO"

FITIPALDI. Cça. Subida Pro Céu. Mito dos Índios Bororó. Série Morená. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

_____. Tainá, Estrela Amante. Série Morená. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

_____. Naro, O Gambá. Série Morená. São Paulo: Melhoramentos, 1991.

- _____. Bacurau Dorme no Chão. Série Morená. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- GRUBER, Jussara G. e outros. "Nosso Povo, Aqui Começa a História do Tempo dos Antigos". In: Nosso Povo. Projeto Toru Duu Ugu, Museu Nacional UFRJ, Memória Futuras, Edições, 1985.
- SANTOS, Joel R. dos. "Como Nasceu a Primeira Mandioca", In: Contos, Mitos e Lendas para as Crianças da América Latina. São Paulo: Co-Edição Latino-Americana, 1989.
- TUPA, Marçal. "Uma Voz que não foi Calada", In: Folheto da Semana dos Povos Indígenas. CIMI/CNBB, 1990.
3. Tema "O NEGRO"
- BARBOSA, Rogério Andrade. Bichos da África. São Paulo: Melhoramentos, 1987, u. 1.
- _____. Bichos da África. São Paulo: Melhoramentos, 1987, v. 2.
- _____. Bichos da África. São Paulo: Melhoramentos, 1987, v. 3.
- _____. Bichos da África. São Paulo: Melhoramentos, 1987, v. 4.
- PINHEIRO, Inaldete. Pai Adão Era Nagô. Olinda: Produção Alternativa, 1989.
- _____. Cinco Cantigas para você Contar. Olinda: Produção Alternativa, 1989.
- TRINDADE, Solano. "Sou Negro", in O Preto. Suplemento de Cultura da Imprensa Oficial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 18, 1988.
4. Tema "AMPLIANDO O UNIVERSO CULTURAL"
- AYLA, Walimir. Era Uma vez uma Menina. Série Arte para Criança. Coordenação Donatella Berlendis, ilustrações DA COSTA. 2ª edição, Rio de Janeiro: Berlendis e Vertechia, 1986.
- CARIRI, Rosemberg. "A lenda das estrelinhas magras", In: A lenda das estrelinhas magras. Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1984.
- LISPECTOR, Clarice. "Felicidade Clandestina", In: Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19.
- MEIRELES, Cecília. "Leilão de Jardim", In: Ou Isto ou Aquilo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ORTOFF, Sylvia. Se as coisas fossem Mães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. Nana Pestana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- PAES, José Paulo. Poemas para brincar. São Paulo: Atica, 1991.
- RAMOS, Graciliando. A Terra dos Meninos Pelados. Rio de Janeiro: Record, 1990.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BUARQUE, Cristovam. Na Fronteira do Futuro

- CAMPOS, Maria Malta. Pesquisa-ação em educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo.
- CAPRILLES, R. O nascimento da pedagogia socialista. São Paulo: Scipione, 1989.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1988.
- GIL NETO, Antonio. A produção de textos na escola: uma trajetória da palavra. São Paulo: Layola, 1989.
- JACOBI, Pedro. Movimentos sociais e políticos públicos: demandas por saneamento básico e saúde: São Paulo, 1974-84. São Paulo: Cortez, 1989.
- MOREL, Edmar. Vendaval da liberdade: a luta do povo pela abolição. São Paulo: Globo, 1988.
- PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. Plano Estadual de Educação 1988-1991. Recife: Secretaria de Educação, 1988.
- PONDÉ, Glória; YONES, Eliana. Leitura e leituras da literatura infantil: por onde começar? São Paulo: FTD, 1988.
- TEBEROSKI, Ana; CARDOSO, Beatriz. Reflexões sobre ensino da leitura e da escrita. São Paulo: Trajetória Cultural, 1990.
- VIGOTSKY, L. S. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1989.